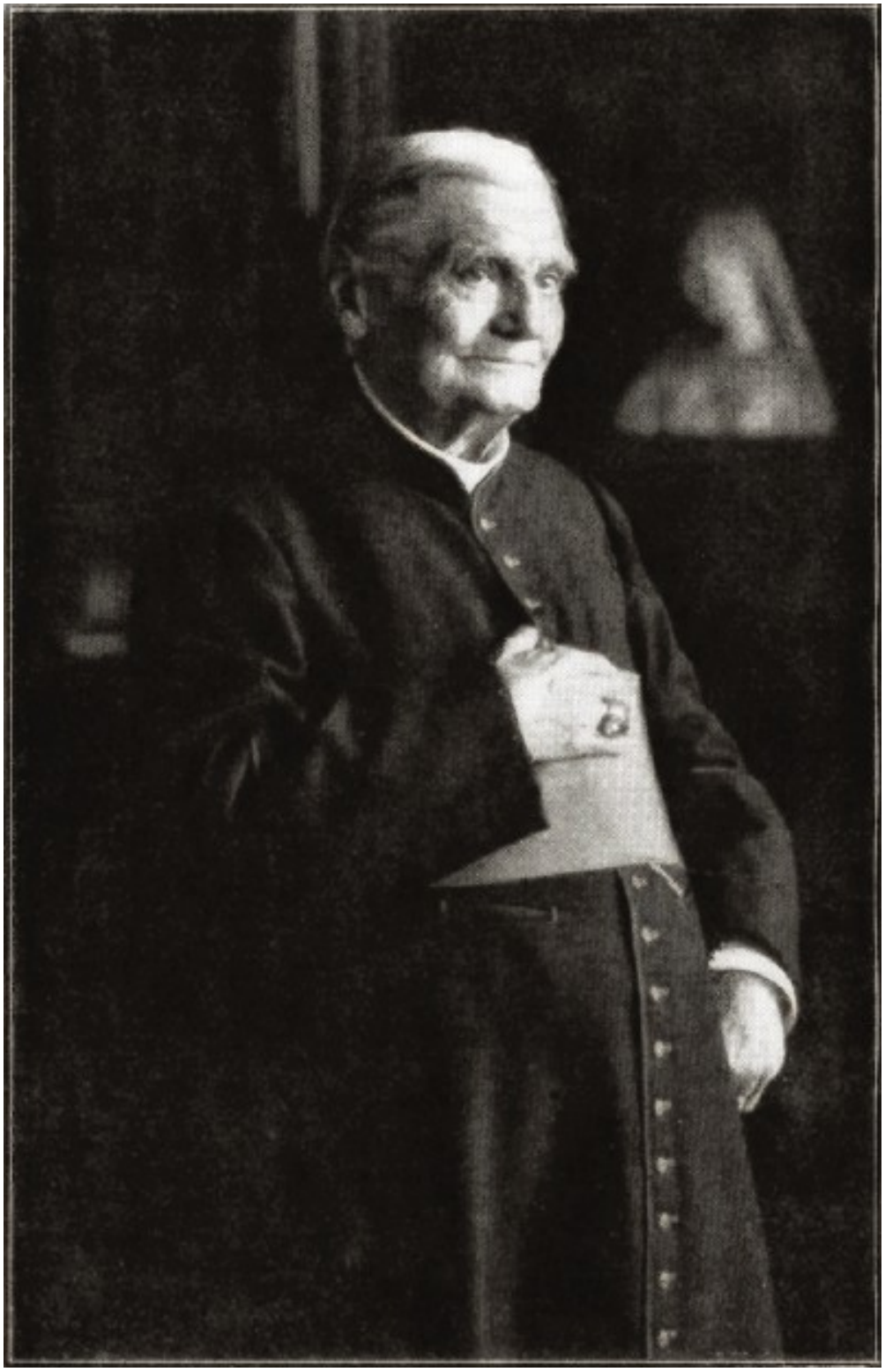
Mons. Ernest Jouin



A Guerra Maçonica

Carta de S. E. o Cardeal Gasparri

Secretário de Estado de Sua Santidade

ao Monsenhor Jouin, cura de Saint-Augustin de Paris, a propósito de sua obra *"A Guerra Maçônica"*.

SECRETARIA DE ESTADO DE SUA SANTIDADE

Do Vaticano, 20 de junho de 1919

Nº 92301

Monsenhor,

O Soberano Pontífice dignou-se acolher com benevolência toda paternal a homenagem do vosso novo estudo sobre a Guerra Maçônica.

Com razão, neste trabalho cuidastes em pôr em evidência, por meio de documentos e raciocínios irrefutáveis, a doutrina inepta e essencialmente anticatólica da Franco-Maçonaria — doutrina oriunda do deísmo, nascido ele mesmo da Reforma, doutrina que fatalmente conduz, como hoje se vê, à negação do próprio Deus, ao ateísmo social, ao "laicismo", forma atual dessa impiedade que, com o maior prejuízo dos povos, pretende banir das sociedades todo vestígio de religião e toda intervenção da Igreja.

Tivestes o cuidado todo particular de fazer sobressair, a despeito das mentiras que às vezes enganam os próprios católicos, a identidade da Franco-Maçonaria consigo mesma, em toda parte e sempre, como a continuidade do plano das seitas, cujo desígnio é realmente a ruína da Igreja Católica.

Sua Santidade, portanto, se compraz em felicitá-lo e encorajá-lo em vossos trabalhos, cuja influência pode ser tão fecunda para advertir os fiéis e ajudá-los a lutar eficazmente contra o que tende a destruir a ordem social, assim como a religião.

Como penhor dos favores celestes, e em testemunho de Sua paternal benevolência, o Santo Padre vos concede de coração a Bênção Apostólica.

Agradecendo-vos pelo exemplar que tivestes a bondade de me oferecer, e com minhas felicitações pessoais, dignai-vos, Monsenhor, receber a expressão de minha inteira dedicação em N. S.

P. Cardeal Gasparri

✠

É na Fé Católica *que nosso eminente e muito caro colaborador, Monsenhor Jouin, publica* A Guerra Maçônica. *A obra, cujo primeiro volume lhe merece do Soberano Pontífice este novo e muito significativo sufrágio, apresenta-se como um extrato de nossa Revista.*

É-nos, pois, permitido tomar modestamente nossa parte nesse soberano encorajamento, formulado em termos tão substanciais e tão explícitos. Nesta página, escrita em um francês firme e seguro, não há uma palavra que não esteja repleta dos ensinamentos mais graves e mais atuais.

Esta carta continua a tradição clarividente e corajosa dos Papas em sua luta secular contra a Franco-Maçonaria. Ela ocupará seu lugar no bullaire antimaçônico ; marcará nele sua data e sua nota particular.

Como não notar, com um reconhecimento comovido pelo Sagrado Coração de Jesus, que é na véspera de sua festa e no próprio momento em que terminamos de imprimir nosso “programa de ação católica anti-laicista”, que de Roma nos chega este inapreciável Testemunho?

Trata-se, antes de tudo, nos termos mais formais, da afirmação de que o “laicismo” — designado aqui por seu nome, pela primeira vez, cremos nós, em um documento pontifical, e o que é de importância — é de fato de origem e essência maçônica; que ele é “o resultado fatal, como se vê hoje”, dessa “doutrina inepta e anticatólica da Franco-Maçonaria, doutrina oriunda do deísmo, nascido ele mesmo da Reforma”. Vê-se, a genealogia é

completa, e a fonte primeira do mal, a marca de fábrica, luterana e germânica, é claramente denunciada.

Em segundo lugar, não menos formal é a própria definição do laicismo, definição que dissipa para sempre a ambiguidade e a falsidade desse vocábulo maçônico. Está agora estabelecido que o “laicismo” não é outra coisa senão “a negação do próprio Deus, o ateísmo social”, a “forma atual dessa impiedade que, com o maior prejuízo dos povos, pretende banir das sociedades todo vestígio de religião e toda intervenção da Igreja”. A obra indispensável é, portanto, trabalhar para “delaicizar” a sociedade, para “delaicizar” o direito público.

Por fim, não menos formal é a palavra de ordem de “advertir os fiéis” contra o laicismo, de “ajudá-los a lutar eficazmente” contra esse mal.

Quando se lê **A Guerra Maçônica** de Monsenhor Jouin, suas enérgicas admoestações aos “maus católicos”, aos “distraídos”, aos “adormecidos”, aos “cegos”, que “não querem compreender nem o perigo nem o dever deles”, mede-se todo o alcance dessa aprovação e dessa exortação vindas de Roma.

É, pois, com humilde gratidão e inteira confiança que colocamos nosso “programa de ação católica anti-laicista” sob o patrocínio desses ensinamentos e dessas ordens da Autoridade suprema.

Na festa do Sagrado Coração de Jesus, 27 de junho de 1919. Cônego B. Gaudeau (B. G.), diretor de ***A Fé Católica***

A Fé Católica, número de 30 de junho de 1919

Cartas de aprovação da obra "A Guerra Maçônica" dirigidas a Monsenhor Jouin

S. G. Monsenhor Meunier, bispo de Évreux,
agradece a Monsenhor Jouin por seu amável envio de *"A Guerra Maçônica"* e tem prazer em renovar-lhe, com suas melhores lembranças, suas vivas felicitações pelo tão bom combate que ele continua a travar contra a F∴ M∴
Évreux, 31 de março.

S. G. Monsenhor Duparc, bispo de Quimper.
Quimper, 30 de março de 1919.

Monsenhor,

O senhor tem razão em denunciar impiedosamente a Franco-Maçonaria. Não se compreendem as ilusões que parecem ainda conservar a seu respeito um número demasiado grande de pessoas honestas. Ela conduz nitidamente à revolução sob suas formas mais radicais. Sua moderação relativa em certos países, onde não se acredita que a Igreja seja bastante forte para que seja necessário persegui-la violentamente, não a impede de odiar Nosso Senhor Jesus Cristo em toda parte e de combatê-lo por todos os meios. O senhor faz bem em desmascará-la e em revelar aos ignorantes suas doutrinas, seu objetivo, suas ações.

Eu o abençoo e lhe asseguro meu muito respeitoso devotamento em N.-S.
†ADOLPHE,
Bispo de Quimper.

S. G. Mons. de la Villerabel, bispo de Amiens.
Amiens, 30 de março de 1919.

Monsenhor,

O grande perigo, toda vez que se aborda o estudo da Franco-Maçonaria, é exagerar sua ação, o que serve diretamente à causa dela, ou diminuí-la, o que adormece os católicos que ela combate. Assim, li com o mais vivo interesse os artigos que o senhor publicou em *La Foi Catholique* sobre a *Guerre Maçonnique*. O estudo histórico que o senhor nos dá sobre a doutrina e a evolução dessa sociedade secreta a mostra sob uma luz mais verdadeira que muitos outros estudos demasiadamente passionais.

Os documentos que o senhor trouxe à luz valem mais do que todas as hipóteses pelas quais demasiados autores precedentes tentaram penetrar o mistério da maçonaria.

O importante não é concluir rapidamente, mas escolher nos textos aqueles que têm um verdadeiro valor para nos esclarecer sobre sua organização, sua doutrina ou sua ação. É isso o que o senhor fez, com abundância de textos que nos advertem a não nos apressar em conclusões prematuras, mas a seguir atentamente seu trabalho.

Queira aceitar, Monsenhor, a expressão de meus sentimentos de respeitosa simpatia.

†ANDRÉ,

Bispo de Amiens.

La Foi Catholique, número de 30 de maio de 1919

PRIMEIRO ARTIGO PUBLICADO EM *LA FOI CATHOLIQUE*, 30 DE DEZEMBRO DE 1918

I. INTRODUÇÃO

Depois da guerra alemã, a guerra maçônica; depois do inimigo exterior, o inimigo interior.

As hostilidades recomeçam, se é que na verdade elas jamais cessaram, enquanto se dissimulavam sob o manto da "união sagrada". Desde 1914, a Alemanha que elaborara e redigira a Lei de Separação, "ocupava seus lazeres de guerra, dizia-se, em completar o dossiê das comunidades hospitalares de mulheres, para que na aurora da paz se pudesse recusar-lhes em bloco a autorização e exilá-las confiscando seus bens".

Enquanto isso, a imprensa sócio-maçônica lembrava-nos nossa situação de párias e de condenados à morte. *La Lanterne* de 8 de janeiro de 1917 terminava assim seu primeiro artigo intitulado: "*O Vaticano e a Guerra*":

> "*Para nós, o clericalismo jamais deixou de ser o inimigo, nenhum desprezo era possível e nós temos, hoje como ontem, o direito de constatar o que sempre denunciamos, ao votar a Igreja à execração de todos os patriotas, um grande perigo republicano e também um perigo nacional contra o qual devemos estar incessantemente em guarda.*"

Seis semanas mais tarde, lia-se em *La Bataille*:

> "*Combater o clericalismo é combater pelo triunfo do socialismo; combater os negros discípulos de Cristo é combater pela realização dos belos sonhos que todos nós acalentamos e, amanhã, uma vez conjurado o perigo alemão, poderemos novamente, e mais do que jamais, exclamar: 'O clericalismo, eis o inimigo! Às armas contra o inimigo!'*"

Recentemente, em 2 de outubro de 1918, o *Journal du Peuple* comentava, por sua vez, a famosa frase de Gambetta, e acrescentava:

> *"A religião — entendo todas as religiões, pois elas são tão nefastas umas quanto as outras — a religião; eis o inimigo que será preciso combater. É aí que se encontra a fonte envenenada pela qual a humanidade acabaria morrendo se não conseguíssemos secá-la."*

Todas essas ameaças concordam com o programa maçônico do pós-guerra que publicamos em nossa "Contra-História da bandeira do Sagrado Coração"[1], e que se resume em uma palavra: "*Não deve mais haver uma França cristã*."

Tal é a palavra de ordem dos sectários que já preparam o êxodo dos religiosos e das religiosas, e que sonham, como outrora o F∴ Blatin, em fazer retumbar suas baterias em Notre-Dame laicizada[2]; ou, com o F∴ Téry, em transformar a basílica do Sagrado Coração em palácio do povo em Montmartre[3].

Na verdade, seu trabalho oculto não foi interrompido desde 1914. O rumor infame foi a arma de combate durante a guerra. Para não serem todos mortais, os golpes desferidos entretinham o anticlericalismo e preparavam o que o programa maçônico do pós-guerra chama de "o golpe de balaio absoluto".

Todavia, parece que tínhamos o direito de contar com um armistício. De todo modo, a guerra religiosa devia respeitar a terra sagrada da Alsácia-Lorena, nem que fosse apenas para manter os compromissos, que foram sinceros por parte dos generais e repetidos, senão do coração, ao menos dos lábios, por nossos governantes.

---

1 *Le Drapeau national du Sacré-Cœur*, p. 145; Coleção "Guerra e Doutrina", nº 13, Tours, Cattier, 1918. Recentemente, ouvi estas palavras de um líder da Maçonaria: "Não compreendo como ainda pode haver um católico na França".

2 *Acta do Convento de 1883*, p. 615. Discurso de encerramento do Irmão Blatin: "Nestes edifícios, erguidos por todos os lados há séculos, para as superstições religiosas e as supremaciais sacerdotais, talvez sejamos chamados, por nossa vez, a pregar as nossas doutrinas, e em vez das salmodias clericais que ainda ali ressoam, serão os malhetes, as baterias e as aclamações da nossa Ordem que farão ressoar as amplas abóbadas e os vastos pilares".

3 Gustave Téry, *Les Cordicoles*, p. 331. Paris, Cornély, 1902.

Panfletos tendenciosos, a *Ligue républicaine de l'Alsace*, as propostas alemãs de um referendo, de uma neutralização dessas províncias, não eram de natureza a nos inquietar. Tínhamos guardado a lembrança da declaração de 1º de março de 1871 dos deputados da Alsácia-Lorena, que terminava com estas palavras de esperança:

> "*Nós os seguiremos com nossos votos e esperaremos, com plena confiança no futuro, que a França regenerada retome o curso de seu grande destino.*
>
> *Seus irmãos da Alsácia e da Lorena, separados neste momento da família comum, conservarão à França, ausente de seus lares, um afeto filial até o dia em que ela vier retomar o seu lugar.*"

Ao retomar seu lugar sobre esse solo reconquistado, a França, recebida em um entusiasmo delirante, não podia trazer senão a paz. Tal era nossa convicção. Ela foi abalada pela nota seguinte do *Liberté* de 5 de dezembro:

> "O Senado julgou dever nomear uma comissão cuja tarefa será estudar os problemas relativos à Alsácia e à Lorena.
>
> Essa comissão, tendo-se dividido em subcomissões e designado uma subcomissão da instrução pública e dos cultos, a presidência desta última foi atribuída… a quem? Nós damos mil chances para adivinhar: a Debierre, o homem dos fichários e da Franco-Maçonaria.
>
> Era difícil desconhecer mais completamente as necessidades de uma situação que exige, no tratamento dos assuntos da Alsácia e da Lorena, homens que aprenderam certas coisas e esqueceram outras."

Não é, sem dúvida, o primeiro atentado às liberdades religiosas da Alsácia-Lorena, mas é certamente o mais escandaloso. Ontem, no jantar dos prefeitos da Alsácia, um orador maçônico ousou dizer-lhes que eles atrasavam quarenta e quatro anos e que seria necessário esquecer a França concordatária para se unirem à França laica. Hoje, a presidência do F∴ Debierre prepara para nossas províncias recuperadas a aplicação das leis intangíveis que fizeram de nosso país um "Estado sem Deus".

✠

Nomeado em 16 de setembro último presidente do Convento do Grande Oriente, membro influente do Conselho da Ordem, o F∴ Debierre, já célebre por seus ataques contra o exército no caso das fichas e por seu duplo título de redator do *Bonnet Rouge* e de defensor obstinado de Malvy, não é menos conhecido por seu anticlericalismo. Que nos baste citar breves trechos de seu discurso de encerramento no Convento de 1906, do qual era o Orador:

> "Deus e Mestre," ensinava o passado. O futuro responde: Nem Deus nem Mestre, porque Deus e Mestre é o símbolo da autocracia e da servidão. *As correntes seculares da Teocracia e da Monarquia foram quebradas em 14 de julho de 1789, e os privilégios de Classe ou de Casta, desmembrados na memorável noite de 4 de agosto. Eles dormem como os deuses do paganismo, como dormirão amanhã todas as outras divindades, em seu lençol de púrpura de onde jamais ressuscitarão.*
>
> *O sopro da Revolução, ao expulsar os Tiranos, fez descer sobre a Terra a Liberdade. Aos direitos de Deus e de sua Igreja, inquieta e persecutória, ela opôs os direitos do Homem; à escravidão, a dignidade humana.*
>
> *A Revolução, como disse um de seus ilustres historiadores, foi o advento da Lei, a ressurreição do Direito, a reação da Justiça contra o reinado da Força. Ela não está concluída, nunca estará concluída, porque o progresso é indefinido e o tempo não tem limite.*
>
> "A grande parte que a Franco-Maçonaria tomou nesse impulso de sublime renovação social é conhecida por todos. Os ilustres enciclopedistas do século XVIII, Voltaire, Diderot, Condorcet, Helvetius; os grandes convencionais Danton, Camille Desmoulins, eram Franco-Maçons" (*Relatório do Convento de 1906*, p. 364).

Mais adiante, o futuro presidente da subcomissão da Instrução Pública e dos Cultos da Alsácia-Lorena disse:

“Para libertar a Escola das Confissões e o cérebro humano da ilusão e da mentira; para realizar a liberdade de consciência e colocá-la a salvo da opressão de toda Igreja e de todo Culto; para libertar a Humanidade de suas correntes e de suas seculares servidões, nossa República, a dos Franco-Maçons e dos Livres-Pensadores, conclama todos os homens de boa vontade e de boa fé a trabalharem em comum pela emancipação do espírito humano, pela independência dos povos e pela felicidade da Humanidade. O egoísmo e o ódio têm apenas uma pátria, a fraternidade não tem nenhuma” (*Ibid.*, p. 369).

Enfim, o F∴ Debierre dá livre curso a todo o seu ódio de sectário e de perseguidor:

“Outros republicanos, não menos míopes, disseram que o anticlericalismo é o pó de ouro que se lança nos olhos dos operários para impedi-los de ver sua miséria.

É preciso dizer que essa afirmação é um erro funesto, se ela não esconde a fraqueza e o cansaço de revolucionários fatigados? Não, não é verdade que a luta anticlerical seja estéril e árida; — a palavra é de um antigo ministro socialista — não, não é verdade que a questão religiosa já não se coloque. A luta não terminou, ela começa.

“Basta olhar a recente Encíclica do Papa Pio X, pregando a resistência às leis francesas e a submissão humilhante dos Bispos da França às ordens de Roma, para se convencer de que a guerra religiosa, mutável como um caleidoscópio, não faz senão desaparecer para renascer sem cessar. Semelhante à hidra de Lerna, a cada vez que lhe cortam uma cabeça, outra lhe cresce.

“Quem não vê que, enquanto o espírito religioso reinar nas profundezas da consciência popular, não haverá lugar para a libertação definitiva dos proletários?

“Sim, eu entendo, fez-se a Separação das Igrejas e do Estado. É verdade. Mas enquanto essa Separação não tiver penetrado no seio do lar familiar e enquanto as mulheres e as crianças continuarem a ir à missa e ao confessionário, enquanto o pai de família tiver de

censurar o padre em público, a Separação não será mais que uma pintura que disfarça a persistência da sujeição da consciência à loucura confessional ou à submissão hipócrita aos interesses pessoais.

"A liberdade de consciência existe em direito; na prática, ela ainda está quase inteiramente por fazer. Ela só começará realmente quando a República tiver separado a Escola das Igrejas e dos Cultos e devolvido à criança, cidadão e mãe de família de amanhã, a liberdade da razão. Uma Nação onde o sufrágio universal é a lei suprema deve às crianças sua proteção soberana, assim como aos menores incapazes de se defender contra os maus-tratos e os atentados.

"Não há verdadeira independência nem verdadeira dignidade para aqueles que creem, se ajoelham, rezam e esperam sua libertação da misericórdia de um Deus, da piedade de um Mestre ou do poder mágico de um Dogma infalível.

"Esses são feitos para obedecer, não cidadãos livres de um país livre, mas súditos acorrentados a algum imperialismo de aventura" (Ibidem).

Após tais citações, pode-se ter certeza de que o F∴ Debierre nada aprendeu nem nada esqueceu. Não foi ainda ele quem escrevia durante esta guerra:

"Não podemos, afinal de contas, contar com o Sagrado Coração para expulsar os alemães de nosso território.

Não... contamos apenas com nossos fuzis, nossas metralhadoras, nossos canhões, nossos projéteis para vencer o inimigo, e de modo algum com a misteriosa intervenção do poder divino."

E ainda:

"Não é, afinal de contas, consagrando a França ao Sagrado Coração que se salvará a pátria em perigo. É com um poderoso material de guerra que se preparará a vitória de nossos exércitos...

Não é ao céu que devemos nos dirigir para salvar o país dos grandes perigos que atravessa.”

Compreende-se que, no jornal *Le Pays* de 19 de junho de 1918, durante um artigo tendencioso destinado a destruir o controle postal em favor da banda dos traidores — assim como outrora se destruiu nosso contraespionagem para sustentar à vontade o caso Dreyfus —, o mesmo parlamentar escrevesse com o tom de um santo horror:

“Chegou-se ao ponto de tentar prender o ‘Sagrado Coração’ nas bandeiras dos nossos regimentos!”[1]

✠

Eis o franco-maçom eleito para presidir a subcomissão da Instrução Pública e dos Cultos referente à Alsácia-Lorena!

Dir-se-á: é um fato isolado. *Infelizmente!* É um fato revelador. Jamais a Franco-Maçonaria foi tão triunfante, jamais foi tão ameaçadora, jamais foi tão perturbadora.

Nas *Feuilles Romaines* de dezembro de 1916, o Sr. Henry Brand escrevia sob este título: “Prever e Prover”[2]:

“A aproximação do novo ano e os debates dos oradores e escritores em torno da paz obrigam cada vez mais os católicos sinceros, clarividentes e zelosos — três adjetivos *sine quibus*

1 Este desprezo pelo Sagrado Coração e suas supostas impotências para o sucesso de nossos quatro anos de guerra recebeu uma desmentida retumbante pela consagração de nossos exércitos ao Coração de Jesus, feita pelo generalíssimo em 18 de julho, no próprio dia em que a vitória coroou o heroísmo de nossos soldados. (Ver a *Semaine religieuse d’Autun* de 30 de novembro de 1918).

2 *Feuilles Romaines*, dezembro de 1916, nº 48-52; Roma, 103 via Tomacelli. O Boletim da Agência Internacional "Roma" já assinalava, a 17 de setembro de 1914, no início da guerra, a atividade da Franco-Maçonaria, nos seguintes termos: "A Seita agita-se mais do que nunca e pesca em águas turvas neste momento trágico que decide o destino de tantos povos e Estados. O satânico 'senhor do mundo' tem a sua política cosmopolita que impõe aos governos e aos povos, fazendo valer aqui o patriotismo, ali os negócios, mas sobretudo os preconceitos e as rancores populares, largamente semeados e mantidos pelos agentes da seita. O que vemos neste momento em Itália, pela obra da franco-maçonaria 'latina', é muito sugestivo. — Na Suíça também, onde a guerra enviou ou retém tanta gente de todos os países, a franco-maçonaria procura manter-se em contacto com todos os seus membros para os fazer agir a todo o momento. E não se esconde disso; assim lemos nos jornais suíços este anúncio em várias línguas: 'Os membros da Ordem Mista Internacional Maçônica que não pertencem às lojas suíças são convidados a comunicar com o representante do S.: C.: (Supremo Conselho) na Suíça, sob P. 17952X Haasenstein e Vogler, Genebra'. É a Landsturm da Seita, como se vê".

non — a refletir sobre o que espera a Ordem social (portanto, a religião e a Igreja católica em primeiro plano), no dia seguinte à assinatura da paz, dessa paz que ainda pode demorar a chegar, mas que não pode, pela própria força das coisas, ser adiada até o fim... do mundo.

"Não é a primeira vez que dizemos isso, mas agora é preciso formulá-lo claramente: este tempo de guerra, enquanto durar, é para a Ordem social, para a Religião, para a Igreja, uma espécie de *pré-guerra*; o dia da assinatura da paz será aquele que desencadeará a guerra nova contra a Ordem social, a Religião, a Igreja, a parte da Desordem social, da Seita e de sua "Obra", a Revolução cosmopolita."

"É certo que é preciso precisar o sentido e o alcance das palavras dessa fórmula. Procuraremos fazê-lo da maneira mais breve e mais clara possível.

"Assim, hoje — tempo de guerra político-militar — é o pré-guerra no terreno religioso-social. Sem dúvida, não se deve entender por essas palavras que hoje já não há guerra, que seria o momento de uma trégua verdadeira, de um real armistício por parte da Seita-Revolução em relação à Ordem social.

"Antes de tudo, quem diz pré-guerra já diz guerra. Preparar-se direta e imediatamente para a guerra é já fazê-la, ao menos virtualmente; a maioria dos atos de pré-guerra são verdadeiros atos de hostilidade imediata. Tal é o caso do emissário inimigo que mina uma ponte para fazê-la explodir no dia da mobilização…

"Desse ponto de vista, a analogia é completa. Um exemplo tomado ao acaso. A imprensa francesa lançou-se mais de uma vez na campanha dos 'rumores infames' organizada pelos emissários da Seita contra o clero e a Santa Sé, acusados, diante do povo ignorante e prevenido, de terem sido os promotores da guerra contra a França.

Os jornais franceses nos contaram a história de um prefeito-dono de cabaré que acusara um bispo do sul da França de ter enviado ao Kaiser barris cheios de moedas de cobre para fazer canhões. Os bispos e os padres franceses enviavam ao Papa seus estipêndios para que os transmitisse a Berlim, etc., etc. E havia pessoas que acreditavam nisso, ou ao menos ficavam abaladas.

"Um fato análogo ocorreu na Itália. Os jornais contaram muito recentemente que, nas Marcas, um camponês cujo filho acabava de ser convocado para o serviço militar encontrou seu pároco e lhe mostrou seu fuzil com gesto ameaçador, dizendo-lhe: 'Reza a Deus para que meu filho volte são e salvo, senão isto aqui é para você!'"

A lógica do camponês embrutecido pelos emissários vermelhos e verdes era evidente. Segundo o que lhe haviam dito, foram o Papa e os padres que incitaram a Áustria a fazer guerra à Itália (!) para recuperar o Poder Temporal; portanto, eles são os responsáveis pela guerra; logo, seu filho morrendo nessa guerra seria a vítima; portanto, segundo as boas leis da vingança, o pai dessa vítima tem todo o direito de atirar no representante local dos responsáveis pela desgraça!

Para um *pré-guerra*, isso já é guerra, não é mesmo?

Mas quando falamos do *pré-guerra* de hoje, queremos aludir a dois fatos característicos que se verificam (em grau diferente) em todos os países em guerra:

1º uma trégua oficial e um certo abrandamento real dos atos imediatos de guerra por parte da Seita-Revolução contra a Ordem social;
2º uma preparação evidente e, aliás, confessada, para uma retomada mais violenta do que nunca, logo após a guerra atual.

A *'união sagrada'* foi pregada em todos os tons e por todos, mas sobretudo pelos órgãos da Seita. Com efeito, se uma trégua leal das lutas internas é um dever sagrado para todo bom patriota — portanto, para todo bom cristão — quando a nação está em guerra e a pátria em perigo, a Seita

tem suas próprias razões para pregar, ainda mais alto que os outros, o dever da *‘união sagrada’*; é que ela conta com a consciência católica, que manterá honestamente a trégua, e com a ingenuidade de muitos cristãos, que acreditarão que a trégua também é respeitada do outro lado da barricada; enquanto...!

Para enganar esses católicos, fazem-se gestos e destacam-se fatos como se fossem a prova irrefutável da *‘união sagrada’*, da trégua leal etc., da parte dos adversários. Esse jogo se reduz, por exemplo, em algum lugar, a isto: os bispos incitam seus fiéis a darem seu ouro ou ao Estado que dele precisa para a guerra; simultaneamente, os emissários da Seita dizem aos camponeses o que acabamos de recordar...

“Assim, união, trégua, exploradas, ludibriadas pela Seita. Mas as circunstâncias lhe impõem ao menos atenuar sua campanha habitual conduzida com grande alarde; seus órgãos devem ao menos simular uma homenagem a essa união e a essa trégua, o que bem recorda a sentença: ‘A hipocrisia é uma homenagem prestada à virtude’ — e... ao próprio interesse.

“Assim, há muita aparência e alguma realidade (ainda que involuntária!) da parte do conjunto sectário, de uma trégua em sua luta contra a Ordem social. Aclamação de *pré-guerra*.

“Mas o que há sobretudo de verdadeiro *pré-guerra* é a verdadeira e real preparação de uma retomada mais violenta do que nunca da guerra sectária no dia seguinte à guerra.”

Acabamos de citar episódios bastante reveladores. E que não haja engano. Em todos os países, de ambos os lados da luta, a retomada será preparada conforme o meio local pelas seitas locais que compõem a Seita cosmopolita.

“Nos países que forem ou parecerem vencidos, o mote será que foram os católicos que desencadearam a guerra ou que a fizeram perder. Nos países que forem ou parecerem vitoriosos, ter-se-á vencido *apesar* dos católicos.

“Que nossos leitores se lembrem disso no momento oportuno! Que considerem um caso concreto — por exemplo, a França e a Alemanha, a Itália e a Áustria. O sucesso de uma será o insucesso direto da outra. A França vitoriosa significaria sobretudo a Alemanha vencida, e vice-versa; o mesmo vale para a Itália e a Áustria. Pois bem! que os católicos acompanhem atentamente a campanha sectária nos dois países respectivos, e verão este fato, surpreendente em aparência, mas muito natural na realidade, quando se conhece a Seita: esta conduzirá simultaneamente uma campanha encarniçada, explorando a guerra que chegará ao fim, contra os católicos do país vencedor e do outro vencido, apesar da contradição evidente.

Vimos algo perfeitamente análogo depois de 1870. Os católicos franceses e os católicos alemães de então cumpriram todos o seu dever patriótico, cada um de seu lado: a resposta da Seita? O *Kulturkampf* na Alemanha vitoriosa; o ‘clericalismo, eis o inimigo’, na França vencida...

Desta vez, será o democratismo internacional e a maior parte dos partidos nacionalistas[1] que conduzirão a grande campanha: o primeiro e os outros, todos, contra a ‘Internacional negra’, cada um do seu ponto de vista.

O assalto será terrível. Será ele vitorioso?

“Quando dizemos esta última palavra, entenda-se bem que falamos de uma vitória material, local e temporária; pois sabemos que as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja. Mas essa intangibilidade essencial da Igreja não impede evidentemente que ela possa sofrer — como já lhe aconteceu várias vezes — devastadores estragos. A Seita jamais terá a vitória; ela poderá ter *uma* vitória. É dessa que falamos.”

Então, a Seita será vitoriosa nessa nova guerra que está preparando, e que alguns de seus órgãos já chegam a proclamar,

1 Isto pode ser verdade para um certo "nacionalismo" revolucionário em certos países; é absolutamente falso quando se trata do nacionalismo francês, que representa o patriotismo puro, legítimo e cristão. Entre nós, nada do que incorpora a França real, a Pátria real, é revolucionário ou antirreligioso; são unicamente as forças antipatrióticas do socialismo internacional e maçônico que conduzem a campanha simultaneamente contra a Igreja e contra a França (B. G.).

como o *Popolo d'Italia*, que nos promete todos os dias "a grande noite" dos padres e dos nobres para o dia seguinte à paz?

A essa pergunta angustiante, seríamos tentados a responder segundo a fórmula clássica: Não, a seita não vencerá, se os católicos opuserem uma defesa enérgica e disciplinada; sim, ela vencerá no caso contrário.

Fórmula simplista, que tem cheiro de La Palice e que nada vale na prática.

A guerra europeia terá tido isto de bom: terá dado lições preciosas de analogia para as lutas morais que interessam à sociedade de uma forma permanente e vital.

Esta guerra terrível não nos ensinou que sem energia e disciplina uma defesa séria e feliz não é possível; não nos ensinou essa verdade lapalisiana, pois todo mundo já a conhecia. O que a guerra atual nos ensinou ou pelo menos lembrou, é que, sem uma boa preparação feita a tempo, sem um bom "pré-guerra", mesmo uma defesa enérgica e disciplinada não pode ter sucesso. *Oportet studuisse*, diziam os velhos mestres ao aluno que havia se arrastado durante o ano letivo e acreditava poder recuperar-se em poucos dias: "*Era preciso ter estudado então!*" É o mesmo *oportet* retrospectivo que ameaça todos aqueles que não previram e não se prepararam a tempo para a guerra que vem.

Será, então, a Seita que vencerá na guerra que ela vai desencadear, mais furiosa do que nunca, contra a Ordem social, a Religião, a Igreja?

— Não, se se prever e ainda se puder prover a tempo, desde já; sem perder um instante, para a defesa e o contra-ataque.

— Sim, no caso contrário.

Prever, prover... Essas duas palavras, que formam uma só, são o alarme supremo do ano ensanguentado que vai terminar. Que sejam

ouvidas e que se aja em consequência; que melhor desejo para o ano que vai começar?

A citação é longa, mas impunha-se por sua atualidade ainda mais marcante na véspera de 1919 do que no fim de 1916.

A questão é precisa: soubemos prever e prover?

Prover? Não. Não estamos prontos para o combate contra a Maçonaria; não há quadros, nem exército; mal alguns atiradores dispersos, não na imprensa, mesmo católica, pois ela está quase fechada a artigos desse tipo, mas em três ou quatro jornais semanais ou revistas mensais, que, na maior parte, exceto *La Franc-Maçonnerie démasquée*, deixaram de aparecer regularmente durante a guerra.

Por que não pudemos prover? Porque não soubemos prever.

Para prever, é preciso encarar uma situação de frente, é preciso ver. Ora, quando se trata da "grande inimiga da Igreja e da França" (Carta de S. E. o cardeal Gasquet a Monsenhor Jouin; *La Foi Catholique*, setembro de 1918, p. 158), uns desviam o olhar, outros fecham os olhos, e entre os que têm coragem de encará-la, a maioria é cega.

Nas altas classes da sociedade tanto quanto entre o povo, a massa não olha para o lado da Maçonaria. O perigo maçônico não interessa mais do que o perigo amarelo. Olha-se para o lado das distrações, do prazer, do cinema, das danças e dos bailes. Já algumas famílias católicas promovem danças à noite, e as costureiras prolongam as vigílias para confeccionar vestidos decotados.

Dir-se-ia que estamos em 1871, quando as festas haviam retomado prematuramente seu curso e um poeta, após a descrição de um baile de máscaras com trajes de animais, concluía assim seu verso jâmbico:

Não, esse refinamento não é senão devassidão,
E os romanos já estavam assim,
Quando Deus os derrubou, como a relva que se ceifa,
Sob o duro calcanhar de Átila[1].

1 Henry Jouin, *A Chaga* (La plaie), p. 23; Paris, Lachaud, 1872.

Átila voltou; cometeu, segundo o general Degoutte, um “crime que custou à humanidade vinte milhões de seres humanos”[1]. Átila pode voltar, apesar dos tratados de paz, apesar da Sociedade das Nações, apesar dos Estados Unidos da Europa. O homem não é o senhor da guerra, e esquece-se depressa demais da palavra de Santo Agostinho: “Só Deus é o soberano árbitro, é sua justiça ou sua misericórdia que aflige ou consola o gênero humano, quando a prolonga ou quando lhe abrevia a duração”[2].

Esquece-se sobretudo da guerra interior, aquela que a Alemanha desencadeou na Rússia, aquela de que ela própria sente alguns efeitos: a guerra da Maçonaria, que se pode chamar com São Isidoro de “mais que civil, *plus quam civil*”, porque arma não apenas os cidadãos, mas os membros de uma mesma família uns contra os outros, o irmão contra o irmão, o genro contra o sogro, o pai contra os filhos[3]. É essa guerra que nos espreita, a guerra maçônica, que os gozadores desatentos e frívolos nem sequer suspeitam, todos orientados que estão para o lado dos divertimentos e das suavidades amolecedoras da vida.

Também não previram aqueles que não olham para o inimigo, mas que fecham os olhos diante do perigo. Sua Eminência o cardeal Granito di Belmonte chama-os de “os medrosos”[4]; durante a guerra, dizia-se “os que se escondem”. Seu número é multiplicado por dez na luta moral contra a grande inimiga da França e da Igreja.

Não estão todos os interesses em jogo? A Maçonaria é o Governo, a Administração, o escritório de emprego, a Assistência Pública; é o volante que põe em movimento todas as engrenagens da sociedade laica. Então, atacá-la seria loucura; vencido de antemão, tornar-se-ia motivo de zombaria para todos; e o respeito humano se mistura tão bem com os cálculos esperados e os projetos sonhados, que se dissimulam até mesmo as crenças e os atos.

---

1 Proclamação do General Degoutte às tropas de ocupação de Aachen (Aix-la-Chapelle)

2 Santo Agostinho, *A Cidade de Deus (De civitate Dei)*, Livro V, Capítulo XXII; Migne, Patrologia Latina, tomo XXXXII, coluna 168.

3 Santo Isidoro de Sevilha, *Etimologias (Etymologiae)*, Livro XVIII, Capítulo I, nº 4; Migne, Patrologia Latina, tomo LXXXII, coluna 689.

4 Carta de Sua Eminência o Cardeal Granito di Belmonte a Dom Jouin e ao Cônego Gaudeau; *La Foi Catholique*, setembro de 1918, p. 157.

Joana d'Arc dizia: "Deus, primeiro servido"; nossos covardes dizem: "Deus, o último servido". O que se faz por Ele, sobretudo se for uma ação de destaque, deve ser de ordem privada; nada de oficial, nada de público, sobretudo nada de ostensivo; a Maçonaria vigia, ela é onipotente e anticlerical.

Os medrosos, os que se escondem, esses bravos da retaguarda que se rendem de antemão e sem combate asseguram a vitória fácil aos nossos inimigos; pois estes só são fortes por causa das nossas fraquezas, e só ocupam o lugar graças às nossas capitulações. O medo do sobrenatural é o primeiro dos desfalecimentos e das deserções.

Os últimos, enfim, que nada previram, olham sem dúvida, mas não veem. Esses ainda são numerosos. Não querem dar-se conta da existência, da perversidade e da maleficência da Maçonaria. Do ponto de vista político, distinguem as doutrinas socialistas das revoluções para aceitar as teorias nebulosas da cidade futura e de um novo paraíso terrestre. Do ponto de vista religioso, acham racionais a separação da Igreja e do Estado, a tolerância igual de todos os cultos, ou mesmo a inferioridade em que essa subversão das coisas coloca a Igreja — em plenos países católicos.

Uma tal mentalidade é feita de americanismo, de modernismo e de liberalismo. O orgulho individualista, que criou o super-homem alemão, não lhe é estranho. Colocar em paralelo os direitos do homem e os direitos de Deus tornou-se quase comum, em uma classe culta, por atavismo, e, conforme a proporção em que a fé diminui, o homem sente a necessidade de se exaltar. Sem chegar, como o F:. Debierre, ao lema maçônico: "Nem Deus nem mestre", diz voluntariamente: "Deus e eu". Aí começam as concessões, os mal-entendidos e os flertes inexplicáveis com a Maçonaria, onde não se percebe a ação nefasta. É o pecado intelectual.

Nos séculos IV e V, o mesmo erro engendrará o pelagianismo e o semi-pelagianismo; em nossos dias, essa concentração complacente e egoísta, que tende a fazer do homem seu próprio ídolo, produziu o laicismo e o semi-laicismo.

O laicismo compreende os maçons com ou sem avental, escoltados por ligas e filiais maçônicas: o semi-laicismo recruta-se sobretudo entre os intelectuais liberais, católicos de fato ou simplesmente de nome, que, sem admitir as doutrinas maçônicas, cuidam bem em não combatê-las; é deles que está escrito: "*Oculos habent et non videbunt, ils regardent et ils ne voient pas*" (Sl. CXIII, 6).

Sim, aqueles que viram a cabeça para se divertir melhor, aqueles que fecham os olhos por medo, por interesse, por respeito humano, aqueles que olham sem ver com quem estão lidando, todos esses não têm nem previsão, nem poder.

Nem prever a guerra maçônica após a guerra alemã; nem prover os meios de sustentá-la vitoriosamente. Tudo o que podemos afirmar, é que ela começa[1]. Ela já se arma das leis de exílio e de perseguição; ela ameaça a Alsácia-Lorena ela mesma.

Um terreno de combate, na hora atual, é o dos pupilos da nação. Não somente as promessas do F∴ Lafferre no Trocadéro, no 14 de julho, não apareceram no *Officiel* de 15, mas tentou-se desde então retomar aos católicos esses órfãos ao título de pupilos da Escola, e os esforços maçônicos com este fim são quotidianos e tão manifestos que parece que a Maçonaria, contra seu hábito, esteja em processo de se desmascarar.

Mascarada ou desmascarada, ela está lá, sob as armas, e, ainda uma vez, é a grande inimiga da França e da Igreja.

Em 1870, a invasão alemã ameaçou Nevers. A cidade estava em pânico; e mesmo no convento de Saint-Gildard, onde Bernadette de Lourdes vivia escondida sob o nome de Irmã Maria Bernarda, não havia tranquilidade. Só ela permanecia calma.

"Como assim?", disseram-lhe, "Você não tem medo dos prussianos?"

A jovem simplesmente deu esta resposta, digna de Joana d'Arc:

"Eu só tenho medo dos maus católicos."

---

1 Referimo-nos aqui à guerra maçônica em França. Mas esta guerra é mundial. É a maçonaria judaica que fomenta a revolução na Rússia e que projeta a sua tocha incendiária sobre o universo inteiro. O assassinato do Presidente da República Portuguesa, as revoltas de Barcelona e muitos outros sintomas são a prova do trabalho subterrâneo e oculto da Seita.

Naquela época, era o pecado dos maus católicos que condenava a França aos duros desastres da primeira guerra. Hoje, serão os maus católicos, os distraídos, os adormecidos, os cegos, que permitirão o triunfo da Maçonaria se não quiserem compreender nem o perigo, nem o seu dever. Cabe a eles refletir; é pela França, é pela Igreja, é por Cristo, é por Deus!

O que é, então, a Franco-Maçonaria?

E. JOUIN

P.S. — O Ir.: Bourgeois, um dos grandes pontífices da Maçonaria, é Presidente da Comissão Senatorial de 36 membros, nomeada para a Alsácia-Lorena. O Alto-Comissário do governo em Estrasburgo é o Sr. Maringer, conhecido por seu sectarismo intransigente em todos os cargos de sua carreira.

E. J.